

“O MEU M.G.CLUBE DE PORTUGAL”



Passaram 25 anos, uma vida, desde que pela primeira vez estive em contacto com o que viria a ser o “meu clube”.

Tinha ajudado a criar o Clube Alpine Gordini, mais tarde denominado Clube Antigos Renault, e como a evolução do mesmo não era o projecto em que tinha apostado, decidi rumar a outras paragens.

Havia, entretanto, ouvido falar do MG Clube, mas como todos os carros eram muito caros, aproveitei uma troca do meu R5 Alpine por um MG Metro 1300, para aderir.

O meu amigo Arcindo Costa, já membro nessa data, convidou-me para estar presente numa concentração à Golegã, explicando que o Clube tinha sempre uma componente social e outra desportiva.

Foi assim que comecei a participar tendo, para além de uma prova de estrada e outra de perícia, tido o privilégio de visitar o atelier de Carlos Relvas que considerei muito interessante.

Com um bom ambiente, uma boa classificação na parte desportiva e uma parte sócio-cultural muito cuidada, senti que era ali o meu lugar.

Seguiram-se mais algumas concentrações sempre de qualidade e como trazia comigo a “escola” do antigo clube do autódromo, homenagem seja feita ao coronel Hipólito, abordei a direcção do Clube no sentido de no ano seguinte as componentes desportivas serem agrupadas naquilo que viria a ser o “Critério do Condutor Completo MG”, algo que foi muito bem aceite, até porque os próprios gostavam também de “acelerar”.

Ainda nesse ano estivemos no Autódromo do Estoril e comecei a entrar na filosofia do Clube: um Clube para quem gostava de automóveis clássicos. Assim, no ano seguinte troquei o MG Metro por um MGB GT, mas o carro estava “torto” ou seja, tinha entre eixos uns 20 cm de diferença, tornando a sua condução muito tipo “chaimite” e a necessitar de muito trabalho de “ginásio”.



Culturalmente recordo com muita saudade a visita à Casa dos Patudos e as concentrações de Cartaxo, Mafra, Setúbal, Azeitão e sobretudo o ambiente que então se vivia com “picardias”, mas saudável.

Como os músculos já estavam a queixar-se, troquei o MGB por um MG Midget MKI, um carro muito “básico”, mas que depois de passar pelas mãos do Arcindo Costa se tornou uma verdadeira “bomba”. Com ele estive presente em muitos outros locais e encontros do Clube, tendo assistido à luta pelo poder em eleições e fora delas o que hoje, passados estes anos, considero que foram horas muito disparatadas para todos e perfeitamente desnecessárias.

Mais alguns anos se passaram e após ter vendido o Midget participei em algumas concentrações sem carro, mas onde havia sempre uma caridosa alma que me emprestava o carro (que coragem!) para que eu pudesse fazer a parte desportiva. Mesmo tantos anos depois fica um agradecimento a todos, especialmente à Isabel Tinoco por deixar o seu “master” MGA, um carro fabuloso, ser conduzido por mim.



Como pendura de C. Chéroux



E finalmente eis que surge o meu MG Midget 1300 MKI, de duas portas, raro entre os modelos do Clube, e que era um “barco” com um motor espantoso.

Foi talvez a minha época de ouro no Clube. Com ele conheci o Alentejo: Aviz, a Horta da Moura em Monsaraz, o Convento de São Paulo no Redondo, S. Pedro do Corval e Arraiolos. Tudo nomes e imagens que não se apagam da minha memória como dos melhores momentos vividos, quer desportiva, quer culturalmente, quer pelo ambiente entretanto desanuviado que se vivia.

Mas como nem tudo o que é bom dura, voltámos a ter um período eleitoral conturbado, uma vez mais desnecessariamente.

Com a necessidade de realizar alguns milhares de escudos vendi o MG e parti para outro clube onde apesar de bons amigos, como o saudoso Cabral Afonso, nunca encontrei o espírito do MG.

Penso que deixei a minha marca no Clube que ainda perdura como o Critério do Condutor Completo MG e fiz algum trabalho de pesquisa, compilando vídeos e filmes para uma história que agora está a ser escrita.

Da minha geração no Clube poucos reconheço hoje em dia, mas esta minha passagem por lá marcou a minha vida e a do meu filho sobretudo por tantos anos depois ter o prazer de o ver fazer a “noite de Sintra” num MGB GT.

Foram muitos os momentos bons e muito poucos os maus em todos esses anos e prova disso é o que agora escrevi e o muito que ficou por dizer deste Clube.

Uma nota final como conselho: Estimem o vosso Clube porque nunca encontrei, nem antes nem depois, outro com a mesma qualidade.

E como dizíamos na época: Saudações Octogonais.

João Tavares
Sócio n.º 102